

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ALICE SILVA LAMPERT

**DISCURSOS SOBRE MASCULINIDADES DE “HOMENS ILUSTRES” NAS
BIOGRAFIAS PUBLICADAS NA REVISTA DO PARTENON LITERÁRIO
(PORTO ALEGRE, 1872 - 1879)**

Porto Alegre

2019

ALICE SIVA LAMPERT

**DISCURSOS SOBRE MASCULINIDADES DE “HOMENS ILUSTRES” NAS
BIOGRAFIAS PUBLICADAS NA REVISTA DO PARTENON LITERÁRIO
(PORTO ALEGRE, 1872 - 1879)**

Monografia apresentada ao Departamento de
História da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientador: Prof.º Dr.º Benito Bisso Schmidt

Porto Alegre

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Lampert, Alice Silva
Discursos sobre masculinidades de "homens ilustres"
nas biografias publicadas na revista do Partenon
Literário (Porto Alegre, 1872-1879) / Alice Silva
Lampert. -- 2019.
58 f.
Orientador: Benito Bisso Schmidt.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em
História, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. masculinidades. 2. discurso. 3. biografia. 4.
Partenon Literário. I. Schmidt, Benito Bisso, orient.
II. Título.

ALICE SILVA LAMPERT

**DISCURSOS SOBRE MASCULINIDADES DE “HOMENS ILUSTRES” NAS
BIOGRAFIAS PUBLICADAS NA REVISTA DO PARTENON LITERÁRIO
(PORTO ALEGRE, 1872 - 1879)**

Monografia apresentada ao Departamento de
História da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciada em História.

Aprovado em 20 de Dezembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.º Dr.º Benito Bisso Schmidt (orientador)

Prof.ª Dr.ª Cássia Daiane Macedo da Silveira

Prof.º Dr.º Vanderlei Machado

Porto Alegre

2019

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas às quais gostaria de deixar meus agradecimentos, e sem as quais a escrita deste trabalho não teria sido possível:

À minha mãe e ao meu pai, pelo apoio incondicional e confiança nas minhas escolhas ao longo desses anos, e por terem proporcionado todas as condições possíveis para que eu tenha chegado até aqui. À Aline, minha irmã, por conviver com meus humores durante escrita desta monografia, e por toda a ajuda e paciência na reta final do processo de revisão.

Às amigas da vida: a Maju e a Mandy, por compreenderem minha ausência e silêncios nesses últimos meses, e por acreditarem em mim – mesmo nas vezes em que pensei em desistir. Aos amigos da história: Marcus, Mariana e Maria Clara, pelo companheirismo nos perrengues acadêmicos ao longo desses quatro anos, e pelos muitos e muitos cafés partilhados.

À equipe de funcionárias e estagiárias do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, instituição na qual tive a oportunidade de estagiar por quase dois anos e onde aprendi, cotidianamente, a me tornar historiadora e professora de história.

Ao Benito, em especial, por aceitar me orientar nesse trabalho, o fazendo com sensibilidade e habilidade únicas. Ao Vanderlei e à Cássia, cujos escritos inspiraram, em parte, este trabalho, e, sobretudo, por aceitarem participar desta banca.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar os discursos sobre masculinidades presentes nas biografias publicadas na *Revista do Partenon Literário*, ligada à uma das mais influentes associações literárias de Porto Alegre do século XIX, no período entre 1872 e 1879, quando a seção de biografias do periódico foi editada e publicada. Este trabalho pensa os discursos como conjuntos de enunciados capazes de intervir na realidade social, produzindo subjetividades e efeitos materiais sobre os corpos. Ainda, entende as masculinidades como construções histórico-culturais, que variam no tempo e no espaço. Buscou-se, então, a partir de análise qualitativa e quantitativa das fontes, identificar quais características e comportamentos eram considerados “masculinos”, compreendendo as expectativas que o grupo formava em torno dos homens, inserindo esses discursos em um contexto mais amplo do Estado brasileiro em formação e de mudança das relações entre homens e mulheres na segunda metade do século XIX.

Palavras-chave: gênero; masculinidades; discurso; biografia; Partenon Literário.

ABSTRACT

This study aims at analyzing the discourses on masculinities found in the biographies published in *Revista do Partenon Literário*, one of the most influential literary associations of Porto Alegre in the 19th century, between 1872 and 1879, when a periodic biography section was edited and published. This study conceives discourses as sets of statements capable of intervening in the social reality, which produces subjectivities and material effects on bodies. Moreover, it understands masculinities as historical-cultural constructions, which vary in time and space. Therefore, based on a qualitative and quantitative analysis of the sources, this study sought to identify which characteristics and behaviors were considered “masculine”, understanding the expectations that the group created around men and inserting these discourses in a broader context of changing relations between men and women in the second half of the nineteenth century, during the formation of the Brazilian State.

Keywords: gender; masculinities; discourse; biography; *Partenon Literário*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Retrato de Felipe Neri, assinado por J. Bruegmann	14
Figura 2: Retrato do Padre José de Anchieta, assinado por “J. Alves Leite, Sucessores”	18
Figura 3: Retrato de José Martiniano de Alencar, assinado por E. Wiedemann	20
Figura 4: Retrato de Antonio de Souza Netto, assinado por J. Alves Leite.....	21
Figura 5: Retrato de Miguel de Oliveira Meirelles, assinado por E. Wiedemann	39
Figura 6: Retrato de Luciana de Abreu, assinado por J. Alves Leite	45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. QUEM ERAM OS HOMENS ILUSTRES DO PARTENON LITERÁRIO?.....	14
2. COMO ERAM OS HOMENS ILUSTRES DO PARTENON LITERÁRIO?.....	25
2.1. O trabalho e o caráter.....	28
2.2. A bravura militar.....	32
3. OUTRAS MASCULINIDADES POSSÍVEIS NA PORTO ALEGRE OITOCENTISTA.....	36
3.1. A paternidade e a sensibilidade.....	37
3.2. Os padres.....	41
3.3. A aparência.....	43
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
ANEXO 1 – QUADRO DE BIOGRAFADOS.....	53

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar os discursos de masculinidades presentes nas narrativas biográficas publicadas na *Revista do Partenon Literário* entre os anos de 1872 e 1879, período no qual a seção foi editada de maneira relativamente frequente. Nesses textos, os biógrafos deixavam evidentes suas opiniões, defendendo a introdução de determinadas personalidades no Panteão do estado em formação. Ao fazê-lo, os autores apresentavam as qualidades e características por eles consideradas pertinentes aos homens tidos como “ilustres” e que serviriam de exemplo aos demais.

A Sociedade Partenon Literário foi fundada em Porto Alegre em junho de 1868, sendo uma das diversas agremiações literárias criadas nos idos do século XIX na cidade, com a pretensão de promover a arte e a literatura da província. Seus membros se autodenominavam como integrantes da “mocidade porto-alegrense”.

Alguns meses mais tarde, já em 1869, o programa fundador do grupo era publicado nas páginas de sua revista, afirmando um posicionamento apolítico por parte do seu conjunto de sócios, com foco na publicação da produção literária de seus membros, a qual pode ser classificada como parte do movimento romântico, de cunho liberal (BOSI, 2006; CESAR, 2006). Ao longo do tempo, porém, diversos textos opinativos passaram a ser incluídos na revista, entre proclamações, discursos e teses históricas. É notável, também, o fato de que muitos dos sócios do Partenon eram filiados ao Partido Liberal, e esses se valiam, por vezes, dos espaços abertos na sociedade como forma de divulgação de seus ideais e projetos políticos específicos.

São vários os estudos que já apontaram os projetos políticos, muitos de cunho moral e pedagógico, intrínsecos à atuação do grupo do Partenon, e efetivados através da promoção de saraus e aulas noturnas. Neste sentido, o grupo se colocava como exemplo a ser seguido pelo restante da população de Porto Alegre, para além de tecer elogios às contribuições literárias da província sulina ao Estado brasileiro que se formava e se estruturava (BOEIRA, 2009; LAITANO, 2016; SILVEIRA, 2008). Alexandre Lazzari (2004), em especial, destaca o caráter patriótico presente na produção literária do grupo do Partenon. Na perspectiva desse historiador, o regionalismo e a exacerbação dos símbolos locais foram a forma encontrada pelo grupo como forma de contribuir ao Estado brasileiro

que se estruturava em meados do século XIX, a partir da construção de referências culturais e da escrita de uma história nacional, oficializada a partir do Instituto Histórico e Geográfico (IHGB)¹. Neste sentido, a escrita de biografias seria a maneira do grupo contribuir para a história nacional, a partir da exposição dos homens que, na visão deles, eram os heróis locais que mereciam ser lembrados. Os discursos de masculinidades presentes nessas biografias, então, apresentam, conforme veremos no decorrer da presente monografia, a questão pátria como um de seus elementos centrais. É a partir dessa chave de leitura que trabalharemos, qual seja, de que a produção de biografias integrava um projeto pedagógico do grupo do Partenon, pautado em uma noção moral de elevação do status cultural da província.

Maria da Glória de Oliveira (2009), em estudo sobre as biografias publicadas na revista do IHGB, evidenciou que o tipo de narrativa desenvolvido pelos sócios deste se alinhava ao regime de historicidade *magistra vitae* e, para além de seus fins historiográficos, existia também um propósito moral e pedagógico na veiculação desse gênero textual e na eleição daqueles dignos de serem biografados, os quais serviriam de exemplo às próximas gerações. No caso do Partenon Literário, as biografias eram publicadas com motivações semelhantes. Nas políticas de gênero evidenciadas nos referidos escritos biográficos são perceptíveis algumas influências, como a presença de algumas referências típicas do romantismo e de seu posicionamento frente a algumas discussões políticas de época, como os debates acerca da educação e do abolicionismo. Também são perceptíveis algumas influências de processos de mudança mais amplos, como a crescente disciplinarização da violência e a já ressaltada questão pátria.

Em termos teóricos, nessa pesquisa, partiremos da noção foucaultiana de *discurso*, entendendo o termo como conjunto de enunciados capazes de produzir verdades sobre os

¹ A análise de Alexandre Lazzari (2004) vai de encontro a algumas interpretações mais remotas sobre o Partenon Literário. Regina Zilberman (1980) associa a produção literária do grupo ao seu discurso político, que seria, segundo a autora, pautado em ideais de liberdade e em referências republicanas. Assim, existiria, de acordo com Zilberman, um repúdio às políticas e símbolos imperiais por parte do grupo, alinhados a uma “tendência separatista”, herdada das gerações anteriores a partir da experiência da Revolução Farroupilha (Idem, p. 35). Lazzari, por outro lado, identifica nessa utilização de referências locais (como a figura do gaúcho e da paisagem) na produção literária uma vontade de pertencimento ao Império, a partir da divulgação dos símbolos sul-rio-grandenses.

corpos, configurando subjetividades e efeitos materiais. Dessa forma, os discursos devem ser compreendidos como fatores de intervenção na sociedade (FOUCAULT, 2005). Os textos analisados foram entendidos, então, não apenas como sendo ilustrativos do pensamento da época, mas com o potencial de instruir masculinidades a partir da narrativa de trajetórias de vida, daquilo que é enaltecido nessas narrativas, mas também refletimos sobre os silêncios que permeiam esses escritos. Neste sentido, fez-se fundamental uma análise comparada entre as biografias de homens e as poucas biografias de mulheres, como maneira de compreender de maneira mais ampla as políticas de gênero que circulavam naquele contexto social.

Essa escolha também foi imprescindível no sentido de que as construções das masculinidades são entendidas como componentes das relações de gênero. Dessa forma, os estudos históricos não devem se pautar apenas nos homens, tampouco nas mulheres, sendo fundamental o estudo histórico das relações entre os sexos. Ademais, de acordo com Joan Scott (1995), as relações e papéis de gênero impostos aos indivíduos são construções culturais, produtos de uma determinada sociedade em um contexto histórico específico. Neste sentido, a autora argumenta que cada sociedade elabora símbolos culturais que evocam representações daquilo que é relativo às mulheres – o feminino – e aos homens – o masculino. O trabalho do historiador, então, seria o de questionar “que representações são invocadas, como e em quais contextos?” (Idem, p. 86).

Ainda nesse sentido, as teorizações acerca do conceito de *masculinidade* reforçam o caráter histórico e cambiável destas. Defendendo o uso termo no plural, e reiterando seu caráter histórico, Michael Kimmel afirma a necessidade do reconhecimento de que “masculinidade significa diferentes coisas para diferentes grupos de homens em diferentes momentos” (KIMMEL, 1998, p. 91). É possível, ainda, extrapolar essa noção, ao aceitarmos que, em um mesmo tempo e espaço, são possíveis masculinidades diversas, entre diferentes grupos sociais. Para Kimmel, então, masculinidade é um conjunto de símbolos e comportamentos em constante mudança. Ao analisar a maneira como as masculinidades se formam ao longo do tempo, o autor parte de três pressupostos: o primeiro, em consonância com Joan Scott (1995), é o de que as masculinidades são socialmente construídas e se diferenciam da biologia, variando no tempo, entre culturas e

em função de inúmeros outros fatores; as masculinidades, ainda, seriam construídas em dois âmbitos de poder: nas relações entre homens e mulheres (a partir da desigualdade de gênero) e nas relações entre homens (a partir das desigualdades de raça, classe, sexualidade...); por fim, a masculinidade pode ser invisível para alguns homens, que, ao serem inseridos em um padrão hegemônico, não são afetados por desigualdades dele decorrentes, o que o autor caracteriza como um privilégio (KIMMEL, 1998).

Já Connell (1995; 2013), também reforçando o caráter histórico das relações entre os gêneros, insere a construção de uma masculinidade, por ele caracterizada como hegemônica e burguesa, em um processo maior de desenvolvimento do capitalismo. A partir de um longo processo de disciplinarização, e sob uma ótica burguesa, as masculinidades seriam produzidas no sentido de criar homens que atendessem às demandas de modernidade. Assim, partindo de uma perspectiva estrutural, o autor demonstra que, ao longo do tempo, a masculinidade hegemônica ocidental - ou seja, o modelo ideal de homem - dizia respeito aos homens que atendiam às demandas daquela sociedade burguesa, devendo ser os homens bons trabalhadores e devedores, provedores de suas famílias, brancos e heterossexuais. Connell demonstra, ainda, como a construção dessa masculinidade hegemônica ocorreu de forma simultânea a outras.

Cabe, aqui, fazer um recorte de classe frente ao nosso conjunto de fontes: conforme ressalta Alfredo Bosi (2006), os participantes do movimento literário romântico eram oriundos de uma camada social com certa influência política e, em geral, com acesso à instrução e às instituições de ensino. As produções históricas que têm como fonte os estudos da Sociedade do Partenon, então, privilegiam o estudo de uma pequena elite letrada de Porto Alegre. Portanto, o presente trabalho pretende analisar os discursos produzidos por esta elite, a partir da seleção e formação de seu Panteão.

Para fins de análise do conjunto de fontes, foi criada uma tabela, em anexo, na qual foram inseridos alguns dados centrais retirados das biografias: período em que os personagens viveram, local de nascimento e ocupação. Essas informações foram importantes no sentido de entender, de uma maneira geral, quais os indivíduos que eram considerados “ilustres”, nos permitindo uma categorização social desse grupo de homens. Na coluna final do quadro, foram inseridas palavras-chaves que expressem as qualidades e

características de cada biografado. Em alguns casos, essas ideias foram agregadas sob um único termo “guarda-chuva”, para fins de quantificação.

O capítulo 1, denominado “Quem eram os homens ilustres do Partenon Literário?”, apresenta, a partir da análise do quadro de biografados, os homens e mulheres que foram homenageados nas páginas da revista. Nesta parte do trabalho, demos maior atenção às ocupações, local e data de nascimento para o entendimento de quais homens entraram no Panteão sul-rio-grandense e, assim, enquadrá-los dentro das possibilidades sociais da época.

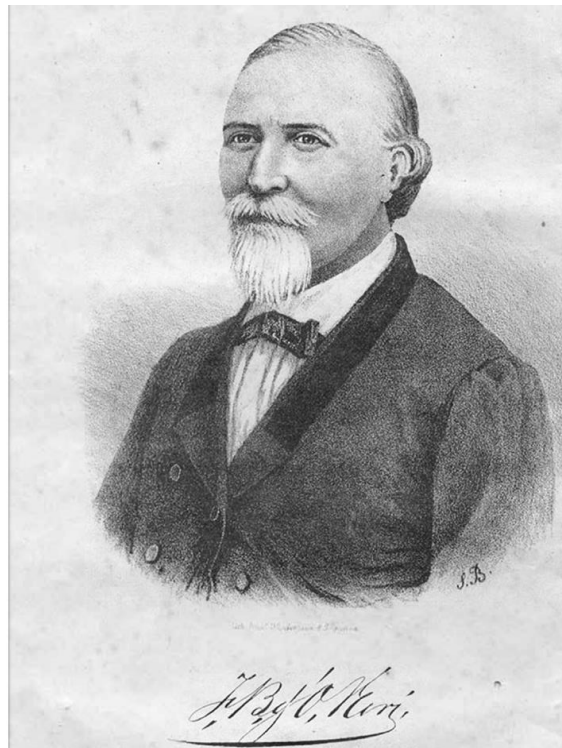
O capítulo 2, “Como eram os homens do Partenon Literário”, analisa as principais qualidades dos “homens ilustres” - aquelas que aparecem com maior frequência nas biografias. Identifica, assim, dois discursos majoritários sobre os homens daquela sociedade: um relativo ao trabalho e ao caráter, e outro à honra militar.

O capítulo 3, “Outras masculinidades emergentes na Porto Alegre Oitocentista”, explora aquelas qualidades menos frequentes e que, a partir de análise comparativa com outros trabalhos históricos, se configuram como questões emergentes às masculinidades do período. Neste sentido, são analisados casos relativos à paternidade e à aparência. Neste capítulo também são abordadas as singularidades das escritas biográficas que dizem respeito aos clérigos.

1. QUEM ERAM OS HOMENS ILUSTRES DO PARTENON LITERÁRIO?

Em julho de 1872, a revista da Sociedade do Partenon Literário voltava a circular em Porto Alegre, após ficar mais de dois anos sem ser editada. Este número, no entanto, trazia uma novidade em relação aos anteriores: a imagem de um homem, circunspecto, ilustra uma das primeiras páginas da revista. Após a ilustração, um texto curto, de duas páginas, que se tratava do elogio fúnebre em homenagem a Felipe Neri, escrito e recitado na ocasião de seu falecimento. Temos, então, o primeiro texto de caráter biográfico divulgado pela revista. Após a homenagem a Neri, muitas outras biografias viriam a ser publicadas até a dissolução definitiva do grupo, em 1879, geralmente seguindo o mesmo padrão de combinação entre imagem litografada e texto, cujo extensão poderia variar.

Figura 1 — Retrato de Felipe Neri, assinado por J. Bruegmann.



Fonte: *Revista do Parthenon Litterario*, Porto Alegre, segunda série, julho de 1872, p. 6.

Conforme levantamento feito por Alexandre Lazzari (2004), as biografias correspondem a 13% do total de textos publicados pelo grupo ao longo de sua existência, sendo, também, uma das seções de maior continuidade. Foram 38 indivíduos biografados, sendo que 34 dos escolhidos eram homens. A totalidade dos biografados eram brancos, de origem europeia, o que já nos dá um indício do modelo masculino que o grupo pretendia criar. Ainda conforme Lazzari, eram escolhidos para ocupar o lugar de honra no Panteão da revista aqueles que eram considerados “notáveis” para a história recente da Província e que portavam uma postura pública impecável. De fato, como veremos a seguir, o patriotismo e as qualidades relativas à honra e integridade moral dos homens são elementos muito frequentes nos textos analisados, e centrais para o entendimento do tipo de homem que se pretendia atingir e criar.

Em relação às ocupações desses homens, doze ocuparam cargos militares, cinco eram padres e quatro eram escritores. Os demais tinham ofícios diversos: eram comerciantes, médicos, advogados, juízes. Nesta última categoria, estão incluídos alguns dos sócios do Partenon e outros indivíduos tidos como literatos. Como já apontado por Cássia Silveira (2009), a escrita literária no Brasil em meados do século XIX estava longe de possuir um caráter profissional. Caldre e Fião, por exemplo, um dos literatos fundadores da Sociedade, era também médico e político. Assim, a maioria dos escritores conciliavam a escrita literária com outras ocupações, entre o comércio, a magistratura, o magistério e a medicina. Também era comum que esses poetas e romancistas escrevessem em jornais, muitos deles associados a partidos políticos específicos. Este é o caso de Félix da Cunha, cuja vida e talento é lamentada por ter sido desgastada na imprensa periódica, ocupação que, justamente por seu caráter político, era considerada menos nobre do que uma vida totalmente dedicada à arte, tida pelo grupo como pura, imaculada e apolítica.²

Ainda levando em consideração a ocupação dos biografados - e também dos integrantes do grupo do Partenon - é possível fazer uma aproximação com o conceito de

² “O seu talento notável - exercia-o ele em benefício de uma causa sacrossanta; o seu patriotismo - legitimara-o a autenticidade de suas crenças arraigadas. Na imprensa periódica esgotou Félix da Cunha uma boa parte de sua vitalidade; consumiu-se n'essa elaboração incessante, mortificou-se nas longas vigílias, em que a fronte doentia e macilenta declinava para o leito das angústias e vicissitudes.”. Félix da Cunha. *Revista do Parthenon Litterario*, Porto Alegre, ano dois, julho de 1873, p. 279 - 280.

burguesia pensado por Peter Gay (1988). Para o autor, a burguesia ao longo do século XIX, no Ocidente, se definiu mais pela identificação por hábitos e gostos comuns do que por fatores econômicos. Esse grupo social, então, se definiria por sua identificação com uma cultura erudita, a qual eles mesmos produziam e consumiam, no caso de Porto Alegre, através da criação de periódicos literários e da promoção de saraus. Assim, o grupo auto identificado com uma cultura letrada buscava com frequência homenagear os seus iguais - e os dispor como exemplos de ilustração para o resto da nação.³ Quanto às ocupações, Gay confirma a diversidade das profissões que um burguês poderia ter, atuando como médicos, advogados, magistrados, padres, professores (GAY, 1988, p. 28).

Se existiu uma certa diversidade no que diz respeito à ocupação dos biografados, o mesmo não se pode dizer a respeito de seu local de nascimento. Como pode ser observado no quadro em anexo, apenas sete dos 38 biografados não eram nascidos na província do Rio Grande do Sul. Era comum, porém, que mesmo aqueles que não fossem nascidos na província, tivessem ali residido por uma parte de suas vidas. É o caso, por exemplo, de Laurindo José da Silva Rabello, médico militar nascido no Rio de Janeiro, que viveu um período de sua vida em Porto Alegre nas décadas de 1850 e 1860, retornando à capital após a morte de sua esposa. É possível apreender que Laurindo conviveu, durante sua estadia no Rio Grande do Sul, com alguns dos literatos que compuseram o Partenon literário, visto o seguinte comentário feito no texto em sua homenagem: “Aqui ganhou

³ “Ao mesmo tempo, à parte a inescapável pretensão das classes médias à respeitabilidade, a pretensão à erudição é provavelmente mais característica de maior número de burgueses do que quaisquer outros de seus hábitos culturais. (...) Além disso, conforme já observei, muitos dos burgueses não acumulavam atributos culturais para deleitar os olhos, agradar os ouvidos ou comover as almas, mas sim para exibir a condição social e a riqueza recentemente adquirida, na melhor tradição dos *parvenus*.” (GAY, 1988, p. 31). Lembremos do famoso episódio envolvendo o grupo partenonista, no qual se montou um espetáculo dramático no Teatro São Pedro com o objetivo de conceder cartas de alforria a um grupo de crianças escravizadas. O episódio é narrado em: LAITANO, José Carlos Rolhano. História da Academia Rio-Grandense de Letras (1901 - 2016) e Parthenon Litterario (1868 - 1885). Porto Alegre: Metamorfose, 2016, p. 30-33. De acordo com Laitano, os comentários que seguiram o ocorrido abordavam muito mais a grandiosidade do evento espetaculoso do que seu presumido objetivo, que era conceder liberdade às crianças.

Laurindo muitas simpatias, e não há quem não o recorde sem pesar, e não lamente o seu passamento”.⁴

Esse padrão já foi observado por Lazzari (2004), que salienta que um dos papéis da Sociedade era destacar as contribuições da província sul rio-grandense à nação que se formava, através da publicação de textos literários e da divulgação de seus cidadãos ilustres. Assim, se o autoelogio à província e sua história são os objetivos explícitos da seção biográfica, os discursos de gênero dela advindo acabam se desenvolvendo de maneira concomitante.

Outra característica dos homens biografados a ser observada, então, é o período em que viveram e nasceram. Observando o quadro em anexo, percebe-se que praticamente todos os biografados eram contemporâneos aos editores de revista. Entre os que possuem a data de nascimento informada, a mais remota é a do Cônego Thomé Luiz de Souza, nascido em 1770 e falecido em 1858. Os demais nasceram entre o final do século XVIII e as primeiras décadas do século XIX. Dentre os que a data de nascimento não está informada, pode-se deduzir o período em que viveram a partir de eventos históricos mencionados, como é o caso do Barão de São Gabriel, general que participou da Guerra do Paraguai.⁵ A única exceção a esse padrão é a biografia do padre José de Anchieta, personagem alusivo aos primórdios da história da província - tendo vivido no território do atual Rio Grande do Sul - e não contemporâneo da revista ou de seus editores e que, por essa razão, apresenta características distintas dos outros textos, sendo esse menos elogioso que os demais e se aproximando mais de uma narrativa histórica. A diferença é visível, também, na imagem publicada de Anchieta, com qualidades menos realistas do que as outras, quando o artista podia dispor, em alguns casos, da presença do indivíduo em estúdio para compor sua obra. Ainda em relação à aparência do Padre José de Anchieta, assim como dos outros clérigos, é notável a ausência de barba ou bigode,

⁴ Esboço biográfico: O Dr. Laurindo José da Silva Rabello. *Revista do Parthenon Litterario*, Porto Alegre, quarto ano, abril de 1875, p. 157 - 160.

⁵ Barão de São Gabriel. *Revista do Parthenon Litterario*, Porto Alegre, terceiro ano, setembro de 1874, p. 95-96.

enquanto os demais, em geral, são apresentados com pelos faciais e cabelos bem aparados e penteados.

Figura 2 — Retrato do Padre José de Anchieta, assinado por “J. Alves Leite, Sucessores”.



Fonte: *Revista do Parthenon Litterário*, Porto Alegre, ano seis, abril de 1879, página sem numeração.

Lembremos que a escrita e publicação de biografias em periódicos foi um fenômeno bastante comum ao longo do século XIX. O caso da revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro é o mais icônico, já que consistia em uma tentativa do Estado, então em formação, de sistematizar uma narrativa de seu passado, forjando os seus heróis a partir de uma noção pedagógica de exemplaridade (OLIVEIRA, 2009). O IHGB, então, publicou biografias de 1839 até o desaparecimento gradual da seção na última década do século, tendo influenciado o desenvolvimento de outras publicações, tanto na capital como em outras regiões do Brasil. De acordo com Temistocles Cezar:

Por outro lado, a Revista do IHGB não é o único espaço onde se publicam biografias no Brasil do século XIX. O gênero também se manifesta em produções independentes do IHGB, mesmo que alguns autores tenha com ele um vínculo institucional, ou simplesmente sigam os seus princípios e a mesma inspiração (CEZAR, 2003, p. 75).

Diferentemente do IHGB, porém, a Revista do Partenon priorizou homenagear homens contemporâneos, muitos deles próximos ao próprio grupo de literatos, como vimos anteriormente. Outra diferença entre as publicações era a veiculação de imagens associadas às notas biográficas, que estiveram presentes em todas as biografias desde 1872, sem exceções.

Uma publicação bastante semelhante à Revista do Partenon, que talvez tenha exercido influência sobre esta, foi a *Galeria de Brasileiros Ilustres*, de Sebastião Sisson, publicada em 1859, no Rio de Janeiro. As duas publicações compartilhavam do mesmo formato, no qual uma imagem era seguida de uma nota biográfica. Além disso, os homens escolhidos para compor a Galeria eram também figuras contemporâneas, em sua maioria nascidas na capital. Segundo Paulo Roberto de Jesus Menezes (2008), a contemporaneidade dos personagens associada à sua imagem visual era essencial ao projeto estipulado por Sisson, visto que:

Com isto, o período do qual retirou os homenageados estava delimitado e garantia ao editor um diferencial em relação a outras obras deste mesmo formato: a contemporaneidade dos biografados. Além do mais, é certo que personagens vivas representavam um elemento adicional de promoção e poderiam aumentar a aceitação pois estamos falando do “prestigioso mercado da aparência” no qual a vaidade é peça fundamental (MENEZES, 2008, p. 63).

Portanto, a associação entre imagem e biografia seria parte de uma estratégia argumentativa e visual, na qual palavras enaltecedoras e imagens, mostrando as poses e trejeitos dos ilustres, se complementariam. É preciso, porém, levar em consideração as diferenças técnicas entre as publicações da corte e da província. Enquanto no Rio de Janeiro já se desenvolviam técnicas de fotografia associadas à litografia, ao sul do Império o desenvolvimento de técnicas de captação de imagem caminhava a passos mais lentos. Isso é notável, por exemplo, na proporção entre texto e imagens na *Revista do Partenon Literário*, na qual a imagem que acompanhava a biografia era geralmente a única

ilustração em cinquenta página de textos - o que é um indício das dificuldades de criação de figuras e impressão das mesmas.

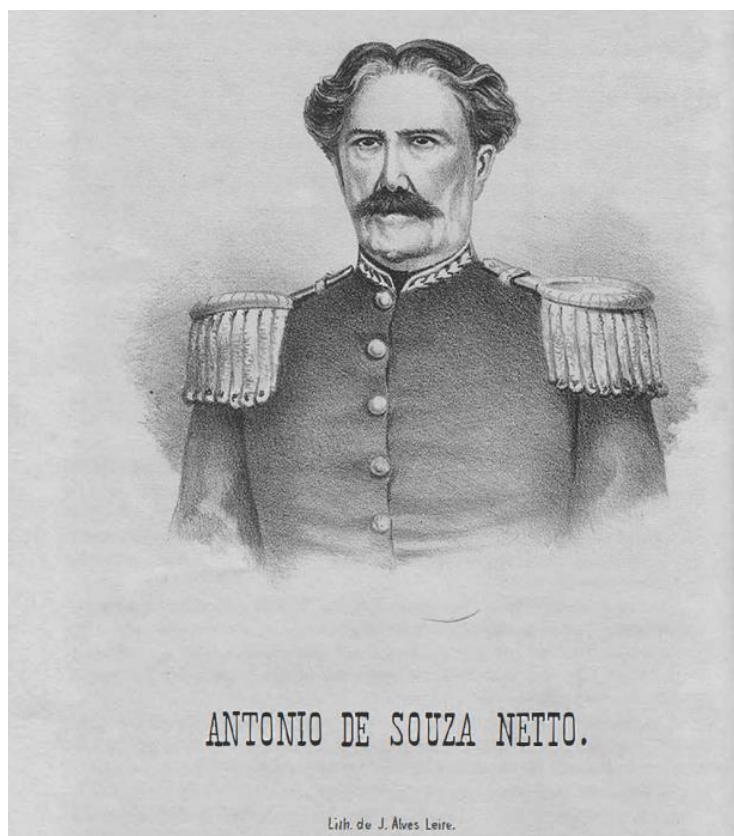
É interessante notar que, na Revista do Partenon, mesmo com a mudança de artistas e litógrafos ao longo do tempo, as figuras masculinas possuem algumas características que se repetem. O contraste do papel com o traçado em preto, realçando a branquitude dos biografados. As vestimentas escuras e a expressão séria. Os trajes sucintos e sem grandes detalhes, à exceção das figuras militares, que eram retratadas fardadas e, frequentemente, exibindo suas medalhas como forma de mostrar distinção. Assim, apesar da alternância entre os artistas, é possível notar certa coesão na produção dos retratos.

Figura 3 — Retrato de José Martiniano de Alencar, assinado por E. Wiedemann.



Fonte: *Revista do Parthenon Litterário*, Porto Alegre, ano dois, setembro de 1873, p. 370.

Figura 4 — Retrato de Antonio de Souza Netto, assinado por J. Alves Leite.



Fonte: *Revista do Parthenon Litterário*, Porto Alegre, ano três, agosto de 1874.

O uso de exemplos vivos e de personagens próximos ao público leitor pode ter servido, conforme dissemos, como uma estratégia argumentativa que, ao constituir discursos sobre os homens retratados, seria um fator de convencimento dos leitores sobre os padrões de masculinidades difundidas nos textos da revista. Lembremos do caráter pedagógico compartilhado por diversas revistas de crítica literária do período, marcado por uma “visão civilizatória” da sociedade, que passava pela apreensão dos “bons costumes” e pela fruição artística. Neste sentido, também eram realizados os saraus mensais, nos quais os membros do grupo levavam suas esposas, com o objetivo de instruí-las na boa arte e moral:

Além disso, havia a crença em uma “pedagogia da imitação”: os textos biográficos trariam [...] exemplos às futuras gerações, mas, igualmente, os modelos transmitidos no cotidiano eram fundamentais para o desenvolvimento dos cidadãos brasileiros. Um passo importante nesse sentido foram os saraus, iniciados na noite de 17 de junho de 1873. (SILVEIRA, 2009, p. 111)

As biografias, então, seriam mais uma faceta da missão civilizatória, que criava e reafirmava discursos de gênero de homens e mulheres ideais, os quais, longe de serem fenômenos isolados, tinham semelhança com outros que circulavam no Brasil e na sociedade ocidental de forma mais ampla.

A questão central para compreendermos as masculinidades veiculadas na revista, que diziam respeito aos “ilustres”, é o patriotismo - o termo “pátria” é, de fato, um dos mais recorrentes nos textos analisados. Neste momento histórico, a qualidade mais importante que poderia ser atribuída a um homem era a sua utilidade à pátria e à nação. A pátria e a utilidade do homem a ela são citadas com muita frequência, em quase todos os textos analisados, de diferentes maneiras. Ou seja, a utilidade de um homem à pátria aparece como característica mais importante para defini-lo - conforme consta no quadro, com expressões como “pátria”, “sacrifício” e “abnegação”. Cito aqui, nesta perspectiva, o exemplo dos irmãos Bello. Na homenagem à A. A. Leite de Oliveira Bello, enquanto este é elogiado por sua participação em “todos os grandes acontecimentos militares”, seu irmão - Luiz Bello, sócio do Parthenon Literário - é enaltecido por seu trabalho na política e na magistratura.⁶

Matheus da Silva Zica (2015), ao abordar o binômio masculinidade e violência, associando o primeiro termo à virilidade dos homens, na literatura oitocentista, aponta para as ressignificações dessa relação ao longo do século. Se, durante o século XVIII e no começo do XIX, a sociedade brasileira foi marcada pela agressividade nas relações interpessoais, essa tendência, pelo menos no nível do discurso literário e jornalístico, viria

⁶ “É uma homenagem que em nome da heróica província do Rio Grande do Sul vem o Parthenon render à memória de um proeminente brasileiro, que se ilustrou por suas virtudes, valor e serviços à causa da pátria ligando seu nome a todos os grandes acontecimentos militares que nos tem abalado, como seu irmão o finado desembargador Bello, o ligara aos da política, da magistratura e da administração.”. André Alves Leite de Oliveira Bello. *Revista do Parthenon Litterario*, Porto Alegre, terceiro ano, fevereiro de 1874, p. 604.

a se modificar em meados do século. Assim, o autor identifica uma tendência da imprensa de criticar e lamentar a violência cotidiana, visando uma sociedade mais disciplinar e civilizada, aos olhos daqueles que escreviam.

Essa tendência, porém, se modificaria a partir da Guerra do Paraguai, na década de 1860. Se antes a violência era algo a ser lamentado, tida como uma mazela social a ser superada, com o engajamento do exército brasileiro no conflito essa noção mudou. Assim, Zica aponta para uma mudança na forma como os literatos enxergaram a violência na segunda metade do século XIX: em casos de guerra, nos quais a honra da nação estava sendo defendida, em detrimento da honra individual, o uso da violência pelos homens podia ser justificada, almejada e, até mesmo, símbolo de virilidade. Portanto, o Estado surgia como uma nova fonte de legitimidade de posturas agressivas.⁷

Na tentativa de criação do Panteão sul-rio-grandense, a questão de violência também aparece muitas vezes associada à pátria. Ao longo de década de 1870, muitas biografias de homens que participaram da Revolução Farroupilha, da Guerra de Cisplatina e da Guerra do Paraguai foram publicadas, e esses homens foram pintados como heróis de guerra, tendo se sacrificado em nome da nação e da sociedade, como se percebe a partir de biografia de Bento Manoel Ribeiro:

Nestes três combates dos quais saíram vitoriosas as tropas brasileiras, o nome do tenente Bento Manoel Ribeiro vê-se honrosamente assinalado com distinção nas participações feitas ao general comandante da divisão pelos chefes que a dirigia. O serviram como de nobre tirocínio na carreira de glória, que percorreu nessa e nas subsequentes campanhas havidas no sul.⁸

Nota-se, também, um desejo de homenagear não apenas figuras militares, lamentando-se a imagem que o restante do Império fazia do Rio Grande do Sul:

⁷ “O culto da força física dos sujeitos masculinos permanecia almejado e valorizado, embora o argumento para essa valorização tivesse adquirido uma nova justificativa. O Estado aparece, então, como um dos grandes álibis para a permanência da conexão violência-masculinidade. Conexão que ainda influencia milhares de homens em diferentes partes do mundo.” (ZICA, 2015, p. 241-242).

⁸ Tenente Manoel Bento Ribeiro. *Revista do Parthenon Litterario*. Porto Alegre, quarto ano, março de 1875, p. 116.

Nas províncias do norte, não admitem no Rio Grande do Sul senão talentos militares, desconhecendo que toda a vitalidade e vigor de pensamento, que deviam ser empregados em outros ramos da ciência humana, e são absorvidos na vidas dos acampamentos, no estudo da tática e estratégia, e nas lides marciais.⁹

Na concepção dos biógrafos do Partenon, então, a utilidade dos homens à nação não se resumia apenas aos homens das armas: todos eles teriam algo a contribuir à pátria, cada um se sacrificando em sua ocupação pública. Portanto, um homem, para ser considerado ilustre e digno de integrar o Panteão em formação, deveria se sacrificar, de alguma forma, em nome de nação, e ter uma postura pública impecável. O civismo e a dedicação dos homens à pátria eram, então, elementos centrais dos discursos de masculinidades difundidos na Revista.

Ao aproximarmos nossa análise com a pesquisa de Matheus Zica (2015), podemos integrar esse discurso a um contexto brasileiro mais amplo, no qual a questão de nacionalidade e da estruturação do Estado influenciavam, inclusive, discursos e políticas de gênero. Assim, para além de meramente retratar a vida de indivíduos ilustres, ou da função didática de simplesmente rememorar a história da pátria e seus heróis, essas biografias - em conjunto, certamente, com outros discursos que circulavam na época - visavam a construção de masculinidades e de homens que fossem úteis ao seu país.

Tal aspecto patriótico, porém, não foi a única qualidade exaltada. Nos capítulos que seguem, veremos como eram caracterizados esses homens. Apresentaremos, também, alguns dos discursos emergentes que apontam para certas mudanças nas relações sociais de gênero que estavam em curso no período.

⁹ Manoel José da Silva Barros. *Revista do Parthenon Litterario*. Porto Alegre, segundo ano, abril de 1873, p. 144.

2. COMO ERAM OS HOMENS ILUSTRES DO PARTENON LITERÁRIO?

No capítulo anterior, desenhamos um breve quadro, a partir de dados retirados das biografias publicadas na revista do grupo literário em estudo, a respeito dos indivíduos considerados masculinos qualificados como “ilustres” pelos literatos da Sociedade Partenon Literário, em sua tentativa de formar um panteão sul-rio-grandense. A partir de informações sobre o período em que estes homens viveram, suas ocupações e origens é possível apreender alguns dos atributos que lhes eram comuns – podendo-se aproximar esse grupo social da concepção de burguesia de Peter Gay (1988). Salientamos, também, a presença constante do elemento patriótico como constituinte destes discursos.

Ao analisar discursos de gênero no Brasil do século XIX, muitos autores apontam para uma dicotomia manifestada em escritos jurídicos, colunas jornalísticas e obras literárias. Neste sentido, é possível a leitura de que o espaço público - a rua, os cafés, as instituições - era um espaço privilegiado de sociabilidade masculina, enquanto que às mulheres estariam reservados os domínios domésticos. É necessário salientar, porém, que tais discursos eram construídos por homens pertencentes às elites, como assinalamos já no capítulo anterior. Neste sentido, Vanderlei Machado, analisando a construção de um ideal de masculinidade em Desterro na segunda metade do século XIX, comenta que:

(...) a educação, além de status e ascensão social, recebida nos centros de produção e reprodução de conhecimento da época, tais como, a Faculdade de Direito de São Paulo e a Escola de Medicina do Rio de Janeiro, proporcionava a seus portadores um capital, no sentido de reconhecimento por parte do grupo em que estão inseridos, para imporem a sua definição de mundo social. Nesta, homens e mulheres deveriam atuar em esferas separadas. Os homens no espaço público e as mulheres no espaço privado. (MACHADO, 1999, p. 45-46).

Assim, existiria entre as camadas mais elitizadas do século XIX teorias normativas acerca da realidade social que prescreviam a atuação de homens e mulheres em esferas diferentes de sociedade, cada qual cumprindo funções sociais que seriam complementares. A formação em comum nas universidades do Rio de Janeiro e São Paulo garantiria certa homogeneidade nesse tipo de normatividade social em diversas localidades do país. Machado constata também que, nas colunas dos periódicos, existia uma certa reserva por

parte dos jornalistas em comentar questões referentes à esfera privada, constatando que os homens eram habitualmente elogiados por sua postura pública. (MACHADO, 1999, p. 34).

Lembremos, porém, que tais prescrições acerca do comportamento adequado das mulheres diziam respeito apenas àquelas que se encontravam entre as camadas sociais urbanas mais elitizadas, marcando uma diferenciação de raça e classe. Assim, se a rua era um espaço negado às mulheres brancas das classes mais altas, o mesmo não se podia dizer das mulheres negras, escravizadas ou libertas, cujo trabalho frequentemente envolvia a circulação pela cidade (CARELI, 1997, p. 12). Essas últimas, que transitavam quotidianamente pelas ruas, possivelmente não eram consideradas como integrantes do “belo sexo”, portanto, não eram alvo de idealizações por parte da imprensa, ao contrário, permaneciam na maior parte das vezes invisibilizadas nos textos jornalísticos.¹⁰

A separação do espaço social entre homens e mulheres ao longo do XIX pode, porém, ser relativizada. Como comentou acertadamente Michelle Perrot, “(...) nem todo o privado é feminino. Na família, o poder principal continua a ser o do pai, de direito e de fato” (PERROT, 2018, p. 189). Assim, se o espaço público era atribuído aos homens, isso não necessariamente significou um controle das mulheres sobre o âmbito doméstico. Na prática, as decisões familiares eram tomadas pelos homens; em nível jurídico, as mulheres foram tuteladas por seus maridos, pais ou irmãos.

Tais discursos normativos, então, podem não representar a complexidade da realidade social. Assim, apesar daquilo que previam as normas sociais, os diferentes sujeitos poderiam encontrar algumas brechas, ocupando espaços sociais que não lhes eram atribuídos, e tendo voz em situações nas quais, geralmente, não teriam acesso. Assim argumenta Perrot,

¹⁰ Sobre a idealização das mulheres como mães e esposas na segunda metade do século XIX, Joana Maria Pedro escreve: “As mulheres (...) eram retratadas nos papéis de esposas, mães e donas-de-casa. Tais funções eram consideradas ideais, sendo a casa o espaço privilegiado da mulher. Um trabalho remunerado fora de casa, embora pudesse ser aceito como complementação de rendimento familiar, era encarado como exceção, e temporário, visto que o marido ideal era aquele cujos rendimentos poderiam manter a família sem a ajuda ‘complementar’ feminina” (PEDRO, 1994, p. 122).

Esposa e mãe, “divindade do santuário doméstico”, como dizia Chaumette, a mulher seria igualmente investida de um imenso poder social, para melhor e para pior.

Esses são os princípios. Tal seria a norma. Mas a proliferação dos discursos, ampliadas pelos fantasmas recíprocos, não poderia dar conta das práticas, muito mais difíceis (impossíveis?) de aprender. (PERROT, 2018, p. 188)

Um episódio bastante conhecido que envolveu a Sociedade Partenon Literário foi o discurso enunciado por Luciana de Abreu em sarau realizado em dezembro de 1873. Luciana foi uma das poucas mulheres a participar da Sociedade na condição de sócia, juntamente com seu marido, João José Gomes de Abreu, atuando nas reuniões do grupo, para além dos saraus que já eram dedicados ao público feminino. Essa noite em 1873 ficou conhecida, na época, como a primeira vez que uma mulher, no Brasil, subiu em uma tribuna pública para tratar de questões sociais (SILVEIRA, 2016). Assim, Luciana defendeu avidamente a importância da educação feminina, além da possibilidade de curso superior para as mulheres, com uma fala notoriamente política. Aproveitando-se das brechas sociais do contexto em que vivia, então, Luciana usou sua condição dentro do grupo para se posicionar - algo que chocou a sociedade porto alegreense na época. É possível constatar, a partir desse episódio, que Luciana usufruiu da ambiguidade do ambiente dos saraus - entre o público e o privado - e de sua reputação frente ao grupo para se fazer ouvir. Assim, neste momento, ela ocupou um espaço de fala público, apesar do que os teóricos sociais à época receitavam.

Se a atuação de Luciana de Abreu é interessante para serem evidenciadas as brechas possíveis para aquelas pessoas que eram, por vezes, silenciadas, ao analisarmos os discursos de masculinidades presentes nas biografias, o contrário é percebido. Como comentado no capítulo anterior, a qualidade essencial de um homem era sua serventia à pátria. Assim, as virtudes exaltadas nesses documentos dizem respeito, em sua maioria, às qualidades públicas dos homens - sua dedicação ao trabalho, postura enquanto devedores e credores, qualidades artísticas. Essa predileção parece ter ocorrido em detrimento de virtudes consideradas domésticas - como a paternidade e os cuidados com a família.

Neste sentido, cabe citar o perfil publicado de Rita Barém de Mello, poetisa bastante reverenciada pelo grupo. No documento, fica evidente que Rita teria tido uma vida difícil, marcada por infortúnios e sacrifícios feitos por sua família e seus filhos, temáticas que teriam servido de inspiração à sua obra. Sua vida é alvo de lamentação, pois não teve ela acesso à educação. Já adulta, torna-se poetisa e mãe. Incumbida dos cuidados com a casa, o biógrafo novamente lastima sua vida e elogia sua dedicação à família, ao insinuar a ausência de seu marido:

Era seu marido um honrado comerciante, mas que descuidava o lar da família e se entregava aos braços venais das cortesãs. Ela o sabia, mas nunca o disse àquele que a esquecia nas horas dos seus desvarios; pura e virtuosa a sua alma devia sentir o abandono, mas era dona de sua casa, e cumpria seus deveres com uma honestidade exemplar.¹¹

Essa passagem parece-nos bastante ambígua. Ao mesmo tempo em que elogia Rita, ao lhe atribuir um caráter forte, capaz de resistir às dificuldades, também aponta a ausência do marido no lar. É uma das poucas menções que os biógrafos fazem às atribuições domésticas dos homens, e a única negatizada. É também uma exceção, no sentido de que é uma das pouquíssimas biografias femininas. Assim, percebe-se a complexidade das relações de gênero no período, as quais não podem ser simplificadas em esquemas dicotômicos.

Como já comentado, os discursos de masculinidades, que contribuíram para a formação de um ideal masculino na sociedade oitocentista, focavam-se em algumas qualidades, em sua maioria comentando a atuação pública desses indivíduos. Agora, refletiremos um pouco a respeito dessas qualidades.

2.1 O trabalho e o caráter

Como se pode perceber, a partir do quadro produzido sobre as informações retiradas dos textos, um dos termos que mais frequentemente aparece é trabalho.

¹¹ Rita Barém de Mello. Revista do Parthenon Litterario, Porto Alegre, ano dois, fevereiro de 1873, p. 50.

Analisando-se esse mesmo quadro, nota-se, também, que tal característica é mais frequentemente relacionada aos profissionais liberais, como médicos e comerciantes, do que às figuras militares. Dentre os doze perfis militares publicados, aparecem apenas duas menções ao trabalho. Assim, elogios à postura laboriosa dos homens era mais comum em relação aos médicos, comerciantes e funcionários públicos. Este é o caso do Visconde do Rio Grande, diplomata, elogiado pelo tempo de vida em que se dedicou ao trabalho, mesmo não dependendo deste financeiramente:¹²

O que admirava em José de Araújo Ribeiro é que esse espírito privilegiado, depois de haver prestado à sua pátria os serviços mais dedicados enquanto a idade viril lhe alimentava as forças, aposentando-se, aos 54 anos, não se entregou ao repouso, que lhe facilitava aliás a fortuna que desfrutava. Há entre nós em geral uma pronunciada tendência para o descanso, quando o trabalho não é mais de rigorosa necessidade. José de Araújo Ribeiro nunca teve necessidade de recorrer ao trabalho para viver; bafejado pela fortuna desde o berço, podia ter vivido em santo ócio. Não o quis: (...)

Vanderlei Machado (1999), em estudo já citado, identificou, no século XIX brasileiro, a formação de masculinidades hegemônicas, por parte da elite, que foram constituídas a partir de valores burgueses. Assim, ele argumenta que a estruturação desses discursos, que vão se complexificando ao longo da segunda metade do século passado, serviram como forma de sustentação política e econômica de indivíduos masculinos e grupos sociais, os quais, ao assumir determinada postura frente à sociedade, seriam validados:

A atuação dos homens em cargos públicos, eletivos ou não, dependia tanto de seu capital econômico, social e cultural quanto do fato do pretendente a esses cargos atendessem aos critérios de masculinidade sancionados socialmente. E esses critérios não eram estáticos. Durante o período analisado, percebemos novas exigências sendo acrescidas ao comportamento do homem público. Os critérios de masculinidade foram crescendo em complexidade. Dos homens, em geral, era exigido: ser provedor, cumprir os contratos, pagar as dívidas e manter a palavra empregada. Dos homens públicos, símbolos dessa masculinidade que

¹² Visconde do Rio Grande. *Revista do Parthenon Litterario*, Porto Alegre, ano seis, julho/agosto de 1879, p. 151.

se constituía como hegemônica, passou-se a se acrescentar novas exigências como a de ser instruído, possuir um capital de relações sociais que possibilitasse viabilizar os anseios dos grupos a que estava ligado e ter independência financeira (MACHADO, 1999, p. 113).

Nos documentos que analisamos, é possível perceber uma conformação diferente dos discursos de gênero relativos ao trabalho. Este não necessariamente estaria relacionado aos homens de negócios, já que também era atribuído a escritores. O trabalho, nos discursos do *Parthenon*, está mais relacionado ao sacrifício pela pátria e à honra que pode trazer ao indivíduo e ao Estado. É o caso, por exemplo, de Manoel José da Silva Bastos, filho de comerciante, que teria sido incentivado a seguir a carreira do pai, abandonando os negócios alguns anos mais tarde para se tornar escritor. Sobre essa escolha, o biógrafo comenta que Bastos, ao trocar de profissão, poderia finalmente ser útil à sociedade: “O comercio, profissão do seu pai, sendo incompatível com as letras, divorciou-se dele a tempo do dar frutos na esfera de sua vocação, na órbita em que seu gênio podia ser útil à pátria”.¹³

Em alguns textos biográficos, porém, é possível encontrar traços semelhantes àquilo narrado por Machado, em referência à cidade de Desterro. Na biografia de José Martins de Lima, comerciante nascido em Porto Alegre, ele é elogiado por seu trabalho, honradez e perspicácia.¹⁴ É dito, também, que a simples menção ao seu nome poderia servir como garantia nos negócios, tendo ele construído uma reputação invejável ao longo de sua carreira. Esse documento é interessante pois as suas ações de caridade e as doações frequentes para a paróquia também são exaltadas, o que acrescentaria honradez à figura de José de Lima em relação a seus iguais.

São em algumas circunstâncias, então, que os homens são elogiados por sua integridade de caráter. No exemplo anterior, esse elogio é feito a um homem de negócios, conhecido por, entre outras coisas, honrar seus contratos. Era mais comum, porém, que os homens fossem considerados honrados ao serem ideologicamente comprometidos com seus partidos durante seus mandatos, em um momento de polarização política entre

¹³ Manoel José da Silva Bastos. *Revista do Parthenon Litterario*, Porto Alegre, ano dois, abril de 1873, p. 146.

¹⁴ José Martins de Lima. *Revista do Parthenon Litterario*, Porto Alegre, ano seis, maio de 1879, p. 56 - 57.

liberais e conservadores. É o caso, por exemplo, de Luiz de Freitas e Castro, líder do partido conservador na província:

Homem de crenças e princípios inabaláveis, foi o Dr. Luiz de Freitas e Castro um dos mais belos ornamentos do partido conservador na província, representando-o como chefe. A política para ele não era esse contínuo oscilar de crenças que mudam com os governos, e que deturpam os homens, não era um móvel aos caprichos de mesquinhas paixões, mas sim uma religião que abraçará e identificara-se com a sua vida cheia de rasgos de generosidade. (...) Que a mocidade, contemplando hoje o retrato do Dr. Luiz de Freitas, procure imitar as qualidades do finado, é o que almeja-mos, convictos de que serão bons cidadãos aqueles que seguirem as pegadas dos grandes homens.¹⁵

Além disso, levando-se em conta a postura pública desses homens, era muito comum que fossem elogiados como oradores. Neste sentido, também eram tecidos alguns comentários acerca do equilíbrio e comportamento moderado das figuras públicas, como foi o caso de Miguel de Oliveira Meirelles, militar e político, elogiado por sua postura em assembleia:

Ao entrar no terreno agitado e ardente da política, Miguel Meirelles não perdeu no recinto tempestuoso da assembleia a bondade do caráter, naturalmente lhano, afável e insinuante, angariando a estima de correligionários e adversários que todos o respeitavam.¹⁶

Para além do equilíbrio esperado daqueles homens que frequentavam as assembleias, é notável uma aversão ao comportamento “apaixonado” ou “tempestuoso”, vistos como femininos e, portanto, inadequados ao mundo masculino.

Assim, nas publicações do grupo do Partenon é possível identificar discursos de masculinidades que dialogam diretamente com o projeto mais geral do grupo: o de celebrar os grandes homens sul-rio-grandenses, de divulgar e eternizar a produção artística da província. Essa correspondência se dá tanto em relação à escolha dos homenageados, dentre os quais encontram-se escritores já então com reputação

¹⁵ Dr. Luiz de Freitas e Castro. *Revista do Parthenon Litterario*, Porto Alegre, ano dois, agosto de 1873, p. 326-327.

¹⁶ Miguel Pereira de Oliveira Meirelles. *Revista do Parthenon Litterario*, Porto Alegre, ano três, março de 1873, p. 99.

estabelecida, como José de Alencar e Félix da Cunha, como em relação à forma de caracterização de seus iguais, membros do grupo, enquanto homens sensíveis e artisticamente talentosos. Ao inserir essas qualificações em seus discursos de gênero, é possível perceber uma forma de autoafirmação enquanto “ilustres” e enquanto exemplos de homens a serem seguidos. Além disso, percebe-se também uma tendência a um discurso disciplinador, enaltecendo-se indivíduos com atitudes sensatas e equilibradas, sem exageros, que fossem trabalhadores honrados em seus negócios e esforçados em suas ocupações, ao mesmo tempo que sensíveis o suficiente para apreciar a boa literatura.

2.2 A bravura militar

É notável a quantidade de figuras militares homenageadas pelos biógrafos do Partenon ao longo dos anos, cerca de um terço do total de biografias. É possível perguntar-nos a razão destes tributos, visto que a Sociedade do Partenon Literário em si não se caracterizava como um grupo composto por oficiais. Sem a pretensão de esgotar essa discussão, uma das possíveis explicações para tal questionamento está no fato de que, ao longo de sua existência, houve uma tentativa não necessariamente premeditada por parte do grupo de criar uma narrativa histórica através de publicação de diversos gêneros textuais (BOEIRA, 2009). Nessa narrativa, os principais acontecimentos históricos que ocorreram na província foram sua participação nas guerras, e os oficiais seriam, portanto, parte central dessa narrativa.

Nessa perspectiva então - a de narrar a história de província - é que foram publicados perfis de militares pertencentes às altas patentes do exército, e que participaram dos conflitos bélicos que envolveram a região ao longo do século XIX. Esses homens foram frequentemente caracterizados como heróis, sendo elogiados por sua bravura, coragem e sacrifícios feitos em nome da pátria. Citamos aqui trecho de biografia do Barão do Triunfo, general que faleceu em Assunção durante a Guerra do Paraguai, elogiado por sua coragem: “Nas diferentes pelepas, que se feriram nessa luta de irmãos,

Andrade Neves, em menos de um ano, deixou firmada a sua reputação militar, demonstrando sua índole guerreira e indômita bravura nos combates”.¹⁷

É interessante perceber que, por mais elogios que fossem feitos aos generais e soldados brasileiros, a violência cometida em situações de guerra não aparece celebrada. Em realidade, a brutalidade da guerra e daqueles que dela participaram não era comentada, sendo frequentemente matizada quando mencionada. Neste sentido, citaremos dois exemplos. Na biografia do Barão de São Gabriel, ao narrar a entrada deste e de sua brigada na cidade de Montevideú, é comemorado o fato de não ter ocorrido conflito com os *blancos*:

E não satisfeito com este triumpho, marcha, ainda pior dos seus sofrimentos para atacar a cidade de Montevideú que se achava em poder dos blancos. Mas felizmente não foi preciso o choque das armas. A cidade sitiada abriu as suas portas e deixou passar entre as ovações de entusiasmo o general brasileiro.¹⁸

Assim, de maneira quase contraditória, a ausência de conflito bélico durante a tomada de Montevideú é enaltecida. Em outro exemplo, novamente referente ao Barão do Triunfo, é feito o seguinte comentário acerca da Revolução Farroupilha, ocorrida algumas décadas antes: “É notável o caráter cavalheiresco d’essa revolução, em que uma vez tomadas as armas, bateram-se tantos bravos, sem ódio, sem aversão pessoal, como cedendo à honra e ao pundonor militar, e à lealdade de suas ideias”. Assim, apesar das figuras militares e das guerras nas quais o Rio Grande do Sul se envolveu ao longo do século XIX serem frequentemente objeto de análise do grupo do Partenon, é interessante que a violência envolvida nesses contextos é amenizada e raramente comentada, chegando-se a denominá-la de “cavalheiresca”. Novamente, é possível intuir um discurso disciplinador, avesso à violência e que procuraria uma sociedade mais “civilizada”.

Aludindo a um contexto mais amplo, é possível relacionar esse tipo de construção discursiva, sobre a suposta civilização da violência, às mudanças estruturais

¹⁷ J. J. Andrade Neves - Barão do Triunfo. *Revista do Parthenon Litterario*, Porto Alegre, ano dois, junho de 1873, p. 235.

¹⁸ Barão de São Gabriel. *Revista do Parthenon Litterario*, Porto Alegre, ano três, setembro de 1874, p. 96.

experimentadas pelas sociedades ocidentais ao longo do período moderno por Norbert Elias. Ao abordar a temática da guerra, Elias demonstra como a estatização da violência foi, ao longo do tempo, controlando as paixões e agressividade dos combatentes, os disciplinando na guerra, ao mesmo tempo em que o Estado se tornava mais impessoal, e se transformava no detentor da violência legítima. A guerra, assim, disciplinada assumiria um caráter “civilizado” - ou “cavalheiresco” -, desprovida de afetos ou motivações individuais.¹⁹

Comprometidos em seu projeto de resgatar a história regional, o grupo do Partenon não poderia deixar de prestar homenagem aos seus militares que, na visão do grupo, alinhada à percepção de história dominante no ocidente no século XIX, estiveram à frente dos principais acontecimentos históricos envolvendo a fronteira sul do Império. A bravura dos homens das armas, na construção do Panteão, é colocada ao lado de outras qualidades tidas como masculinas e consideradas igualmente edificantes: a erudição, o trabalho, a sensibilidade dos poetas, a caridade dos padres. Assim, contrariando a visão do restante do Império a respeito da província do Rio Grande do Sul²⁰, as publicações do Partenon Literário acabam por contribuir para a construção de um discurso que diversifica as maneiras de ser homem no Brasil do século XIX, em um movimento no qual, retomando Matheus de Cruz e Zica (2015), a honra masculina deixa de ser relacionada ao indivíduo e passa a dizer respeito à pátria de um modo mais geral. A violência passa a ser

¹⁹ “Como todos os demais instintos, ela é condicionada, mesmo em ações visivelmente militares, pelo estado adiantado da divisão de funções, e pelo decorrente aumento na dependência dos indivíduos entre si e face ao aparato técnico. É confinada e domada por inumeráveis regras e proibições, que se transformaram em autolimitações. Foi tão transformada, ‘refinada’, ‘civilizada’ como todas as outras formas de prazer e sua violência imediata e descontrolada aparece apenas em sonhos ou em explosões isoladas que explicamos como patológicas.” (ELIAS, 1994, p. 190-191).

²⁰ Lembremos do seguinte trecho, citado no capítulo anterior: “Nas províncias do norte, não admitem no Rio Grande do Sul senão talentos militares, desconhecendo que toda a vitalidade e vigor de pensamento, que deviam ser empregados em outros ramos da ciência humana, e são absorvidos na vidas dos acampamentos, no estudo da tática e estratégia, e nas lides marciais”. Manoel José da Silva Barros. *Revista do Parthenon Litterario*. Porto Alegre, segundo ano, abril de 1873, p. 144. Assim, nota-se um desejo do grupo do Partenon em demonstrar a importância de província em outras instâncias para além da militar, o que também acaba por construir um discurso de masculinidade que se afasta de uma masculinidade militar, e que procura outras masculinidades mais próximas ao próprio grupo do Partenon, indivíduos do meio urbano mais intelectualizados.

condenada, e se espera que os homens passem a ocupar o espaço público portando uma postura “honrada” e “equilibrada”.

3. OUTRAS MASCULINIDADES POSSÍVEIS NA PORTO ALEGRE OITOCENTISTA

Entre os meses de janeiro e fevereiro de 1876, a Sociedade Partenon Literário fez publicar em sua revista a biografia de um de seus principais colaboradores e presidente honorário, o médico, político e escritor Caldre e Fião. Ao narrar a vida de seu mentor, o biógrafo Achylles Porto Alegre destaca o que considera uma das principais distinções de Caldre e Fião: a generosidade, que, ao longo de sua vida, assumiu formas diversas. No exercício de sua profissão, teria sido ele muito esforçado, tendo se mudado inúmeras vezes de maneira a cumprir seu dever público enquanto médico, percorrendo as localidades que dele necessitavam:

O Dr. Caldre goza entre nós do crédito de bom médico, e os que frequentam seu consultório são testemunhas do quanto despense de cuidados indistintamente a quantos o procuram, e sabe-se o grande número de pobres que lá vão e ali recebem o alívio, o conforto, as consolações de toda a natureza para os seus e para si.²¹

Ademais, é destacado seu posicionamento em relação ao abolicionismo. Ele é creditado pela concessão de liberdade a inúmeras crianças, além da defesa, em assembleias, de um projeto pedagógico que contemplasse outros meios sociais para além das classes urbanas. Suas preocupações sociais são destacadas, bem como sua busca pela aprovação de seu projeto educativo, o qual pretendia a criação de escolas para mulheres das zonas rurais, onde estas aprenderiam o necessário para se tornarem boas esposas, auxiliando seus maridos na busca pelo progresso da nação.²² Neste sentido, é interessante o seguinte comentário, uma das poucas menções à vida privada dos biografados:

²¹ O Dr. José Antônio do Valle Caldre e Fião. *Revista do Parthenon Litterario*, Porto Alegre, ano quatro, janeiro de 1876, p. 4.

²² No trecho a seguir, retirado da biografia, são explicitados alguns dos projetos de Caldre e Fião que, ao lado de seus serviços médicos, são tidos como sua contribuição à pátria: “Quando em 1853, vinha para viver na província com sua família, todos o viram alistar-se no grupo de conciliação que combatia a influência de Pedro Chaves, e nos bancos da Assembleia Provincial, apresentar os projetos para a educação dos lavradores por meio das *escolas agrônômicas*, para a educação de mulher por meio do trabalho, e para o plantio de

Sabe-se que o Dr. Caldre não tem filhos, mas é certo que muitas crianças recebem dele a criação e os cuidados paternais, todos os desvelos e carinhos de que somos testemunhas. (...)

Mais de uma vez nos temos demorado apreciando a sua mimosa filhinha, como ele a chama, e que faz as suas delícias. É esta uma menina branca liberta pela nossa associação e que ele recebeu quase exânime.²³

Aqui, então, é mostrada uma nova faceta de Caldre e Fião, o homem público já conhecido pela sociedade porto-alegrense. Ele passa a ser representado, ao final da narrativa, como uma figura paterna, dando a entender que teria adotado algumas crianças ao longo da sua vida, as quais trataria com “carinhos”, apesar de não ter tido filhos biológicos.

A partir do exemplo citado neste capítulo, vamos então nos dedicar à análise de algumas qualidades que se manifestam menos no conjunto das biografias e que acabam por formar outros discursos acerca dos mesmos homens, por vezes, de forma bastante sutil. Algumas dessas qualidades dizem mais respeito à esfera privada dos biografados. Outras são referentes aos atributos clericais que seriam próprios dos padres e que os afastariam dos homens laicos. Também abordaremos a forma como a aparência física desses homens é abordada, marcada por ausências e silêncios, quando contraposta aos perfis femininos.

3.1 A paternidade e a sensibilidade

Ao longo anos, foram feitas apenas três breves menções aos homens enquanto pais e maridos. Por mais que muitas vezes o nascimento de filhos fosse mencionado nas narrativas, são apenas em três excertos que os biografados são caracterizados como pais. Essa caracterização, de caráter quase inabitual dentre o conjunto de fontes, apresenta-se sempre positivada e acompanhada da caracterização destes homens enquanto maridos, como neste exemplo:

florestas artificiais, e outros que tendiam a desenvolver a indústria, a criar fontes de produção na província”.
Idem, p. 8.

²³ Idem, p. 4-5.

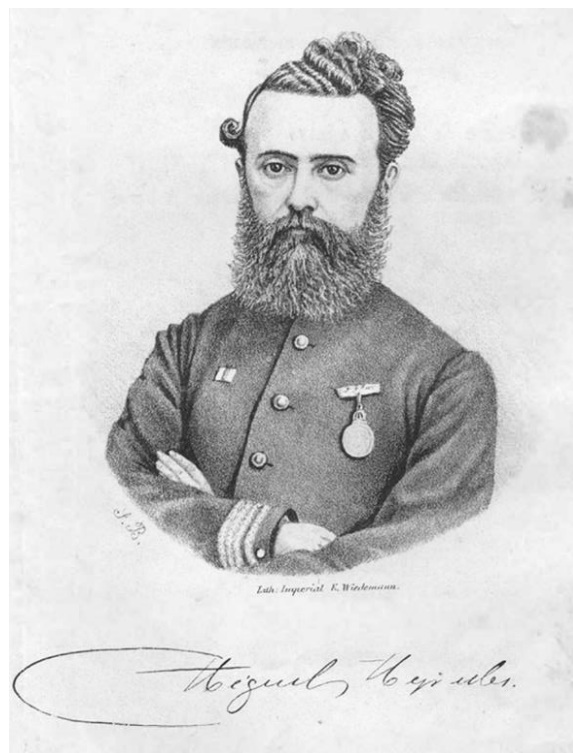
Miguel Meirelles foi excelente cidadão; bom e extremoso marido, carinhoso e terno pai, leal e dedicado amigo. Na sua vida íntima, o mais hábil esmerilhador de novidades nunca encontrou motivos para censura: era ali, no aconchego do lar, rodeado da família, a brincar-lhe nos joelhos os mais pequenos de seus filhos, que Miguel Meirelles revelava toda a bondade de sua grande alma. Estremecia sua mulher, filhos e sua veneranda sogra com todo o amor de que é suscetível um coração extreme de afetos e de sublime dedicação.²⁴

Miguel Meirelles, cuja biografia já citamos no capítulo anterior, foi militar, político e literato. Sua biografia é uma das mais extensas, de doze páginas. Em seu retrato ele aparece com vestimentas militares, com feições sérias, barba e cabelo penteado. A partir de sua biografia é possível saber que ele exerceu outras ocupações, como mandatos políticos, além de ter se engajado em outra revista literária dos anos 1870: a *Murmúrios do Guaíba*. Diversos poemas de sua autoria foram incluídos em seu texto biográfico, acompanhados de observações engrandecedoras, que o definem como “mimoso” e dotado de sentimentalismo.²⁵ Essa referência elogiosa à produção artística de Miguel Meirelles parece indicar uma complexificação das masculinidades militares: para além da violência e da virilidade, do servir à pátria, temos a configuração de um discurso que esperava que tais homens fossem sensíveis. Sensibilidade, essa, que, para além da produção literária e de natureza pública, também estaria presente no âmbito doméstico, no trato com esposa e filhos. O caráter quase excepcional da narrativa sobre Meirelles, bastante descritiva e adjetivada quando posta em comparação com as referentes a outros militares, cujas vidas são quase equivalidas à história bélica da província, possivelmente indica uma inflexão nas masculinidades militares, nas quais a violência e a proteção da pátria passam a ser tão valorizadas quanto outras qualidades - no caso, a sensibilidade, o equilíbrio e a paternidade.

²⁴ Miguel Pereira de Oliveira Meirelles. *Revista do Parthenon Litterario*, Porto Alegre, ano três, março de 1873, p. 104.

²⁵ Da poesia foi Miguel Meirelles mimoso cultor. Dotado de uma imaginação viva, de um sentimentalismo poético, congênito com sua alma bela e apaixonada por tudo quanto era sublime e majestoso na natureza, Miguel Meirelles descantava ao som de sua lira os mimosos carmes em que se inspirava.”. *Idem*, p. 102.

Figura 5 — Retrato de Miguel de Oliveira Meirelles, assinado por E. Wiedemann.



Fonte: *Revista do Parthenon Litterário*, Porto Alegre, ano dois, março de 1873, p. 94.

Em uma outra ocasião, em homenagem fúnebre a José Fernandes dos Santos Pereira, general português radicado no Brasil, o texto se estende por trinta e nove páginas em um misto de narrativa biográfica e histórica, mesclando sua trajetória de vida com a história do Império. Após integrar o exército, José Fernandes teria retornado à fronteira, voltando a viver com sua família.²⁶ Em seguida, nos emocionados parágrafos finais, temos a seguinte despedida: “Dorme em paz, tu que foste filho obediente, soldado corajoso e

²⁶ “A sua existência foi desde então consagrada às doçuras da vida doméstica e da amizade, permeado por seus filhos, seus netos e seus concidadãos que nele viam sempre um modelo a seguir na caridade, no patriotismo, na modéstia, na lealdade, no amor à família e em todas as qualidades que constituem um homem virtuoso.”. O General José Fernandes dos Santos Pereira. *Revista do Parthenon Litterario*, Porto Alegre, ano quatro, março de 1875, p. 104.

fiel, marido exemplar, pai extremoso, amigo dedicado e leal, chefe justo e bondoso, cidadão benfazejo e respeitador das leis”.²⁷

Em ambos os casos há uma coincidência narrativa: o herói militar, após cumprir seus deveres pátrios, se recolhe ao conforto do lar, passando a exercer, no núcleo familiar, de maneira sensível, o papel de pai e marido. Ainda, destacamos a extensão dos textos acima citados como forma de demonstrar que, em geral, o papel do homem como pai e marido era secundário - sendo, na *Revista do Partenon Literário*, mencionado apenas no desfecho de biografias de tamanho mais avantajado do que a média.

Lembremos, também, que existem indícios de que o sentimento de paternidade se encontrava em plena mutação em meados do século XIX. Se antes era atribuída ao pai exclusivamente a tarefa de suprir as necessidades da família, defendendo a honra e linhagem desta, muitas vezes através da violência interpessoal, novas questões passam a ser colocadas, pelo menos entre parte das elites. A partir da segunda metade do século, o encaminhamento das crianças se torna uma das principais tarefas paternas, cabendo aos homens a responsabilidade pelo futuro de seus filhos, o que abriu espaço, inclusive, para relações afetivas (PRIORE, 2013, p. 174).

Assim, as biografias publicadas na *Revista do Partenon Literário* parecem acompanhar algumas modificações nas relações familiares ocorridas no século XIX. Essas novas configurações implicaram a constituição de outros discursos de masculinidades, concebendo formas mais sensíveis de existência dos homens, marcadas pela paternidade e cuidados no lar. Para além das relações familiares, a expressão da sensibilidade seria permitida também aos tipos militares, através de manifestações artísticas e literárias, contrapondo-se às qualidades em geral associadas a esses homens no período.

²⁷ O General José Fernandes dos Santos Pereira. *Revista do Parthenon Litterario*, Porto Alegre, ano quatro, março de 1875, p. 106.

3.2 Os padres

Em outubro de 1873 era publicada, na *Revista do Partenon Literário*, a biografia de Luiz Gonçalves de Brito, padre que, no final de sua vida, ocupou também o cargo de deputado estadual. Ao narrar a vida do padre Brito, alguns aspectos ressaltados em sua postura pública correspondem aos de outros homens também homenageados pela revista, como sua dedicação e interesse pelo progresso de nação, a partir de sua participação na política local.²⁸ Ao longo da narrativa biográfica, porém, o que parece ser mais destacado é a tentativa de reverenciá-lo como um exemplo de moralidade imaculada, o que fica saliente em algumas passagens, como na seguinte: “Nunca a blasfêmia passou-lhe pelos lábios; nunca o rancor se pôde aninhar naquele puro coração”.²⁹

Nas biografias os padres são construídos, assim, como figuras marcadas, sobretudo, pela ausência do pecado, para além das correspondências com as masculinidades laicas - como a valorização do trabalho e da bondade. Nesta perspectiva, é possível citar, ainda, a biografia do padre Feliciano, reverenciado por sua caridade e sacrifício, mas principalmente pela ausência de vícios:

Qual do seu rebanho o podia repreender um vício, um escândalo de vida? Verdadeiro sacerdote do senhor, tinha a existência do sacrifício, e ensinava com pureza a religião do amor e da caridade, repartindo seus dias entre o ensino e o trabalho, para preparar o coração e enxugar as lágrimas dos que sofriam.³⁰

Essa exemplaridade moral dos clérigos, expressa através da criação dessas figuras aparentemente perfeitas, os afasta dos homens “comuns”. Tal distanciamento se deu em um extenso processo marcado por uma maior disciplinarização eclesiástica conduzida

²⁸ “O finado padre Brito, como cidadão, como brasileiro, interessava-se pelo progresso do seu país, e, sem que se envolvesse nas lutas odiosas de partido, era liberal de convicções, sendo, n’essa qualidade, eleito deputado provincial na legislatura do 1962- 1864, vindo a morte arrebatá-lo durante esse tempo.”. Padre Luiz M. de Gonçalves Brito. *Revista do Parthenon Litterario*, Porto Alegre, ano dois, outubro de 1873, p. 421.

²⁹ *Idem*, p. 420.

³⁰ Padre Feliciano José Rodrigues Prastes. *Revista do Parthenon Litterario*, Porto Alegre, ano três, maio de 1873, p. 192

pela Igreja Católica a partir do século XVI que, entre outras deliberações, delimitou a obrigatoriedade do celibato para a carreira eclesiástica (AIRIAU, 2012, p. 320). Da mesma forma, o investimento intelectual concedido aos clérigos ao longo de sua formação serviria para afastá-los dos demais indivíduos, enfatizando seu papel de exemplo e autoridade no interior dos grupos sociais. Tal exemplaridade se expandia para a questão do autocontrole dos corpos, dada através do celibato, mas também por uma vida recheada de privações, teoricamente voltada para a continência e perfeição diante de Deus. Reiterando parte do argumento do capítulo anterior, as normas nem sempre coincidiam com as ações, tendo sido bastante comum a denúncia de relações sexuais entre padres e mulheres escravizadas ao longo do século XVIII e XIX (DAIBERT Jr., 2014).

Essa forma de existir como homem, marcada pela autodisciplina, durante o período colonial no Brasil, divergia bastante das masculinidades dos “homens comuns”, pautadas pela violência e defesa da honra. Apesar da disciplinarização da violência evidenciada ao longo do século XIX, os modelos masculinos permaneceram afastados, ao menos no nível do discurso, dos homens comuns. Na *Revista do Partenon Literário*, o celibato é apresentado como algo que contrariava os preceitos sociais hegemônicos daquela sociedade, fugindo do padrão do que era, em geral, esperado dos homens: constituir uma família e ser seu provedor. Justamente pela capacidade de manter tal autocontrole, visando a obedecer às ordens régias, é que os padres serviriam como exemplo de afincamento e empenho para a sociedade porto-alegrense. Neste sentido, é elucidativa a biografia do padre Thomé. Partindo do princípio de que o celibato não seria o caminho “natural” para o “homem educado na família”, aqueles que insistiam na vida celibatária eram denominados de “heróis silenciosos”:

Educado o homem na família, é claro que será com muita fortaleza e ciência que tomará sobre seus ombros a pesada cruz do celibato e que servindo o altar terá uma luta contínua, atroz, para vencer seus desejos, as tentações sedutoras da carne, o que constitui realmente o celibato um verdadeiro sacrifício. O sacerdote, digno d'este nome, é pois um herói, tanto mais digno quanto os seus triunfos são silenciosos e se passam no íntimo de sua consciência, e contínuos e de cada dia. (...) Deve ser um vigoroso e bem formado espírito aquele que vence a si próprio, a suas paixões, a suas inclinações, a tendência

para os prazeres e gozos e assume o caráter de austeridade, de domínio sobre si que o tornam notável entre os seus irmãos.³¹

Os padres, assim, à época, compunham um grupo social à parte dos denominados “homens comuns”. Em que pese o envolvimento dos padres com a política ou outras questões tidas como mundanas, sua conduta social era regida por regras que não se aplicavam aos demais homens, deles sendo cobradas posturas e posicionamentos morais impecáveis, apartando-os e os transformando em referência. O celibato aparece como o elemento extremo de diferenciação, utilizado como referência para heroizar tais indivíduos a partir de uma metáfora militarizada, pelo êxito em uma batalha contra si mesmos.

3.3 A aparência

No capítulo 1 mostramos brevemente a forma como os discursos de masculinidades eram expressados a partir de imagens, com a construção dos retratos que ilustram as páginas da revista. A criação da imagem, certamente, parte de certas escolhas dos artistas, em uma espécie de filtro cultural que escolhe o que será representado e a maneira como se dará essa representação. Ao longo dos sete anos de textos biográficos analisados, como vimos anteriormente, ocorre uma certa padronização dessas biografias, com alguns símbolos que se repetem, tais como as vestimentas, em geral identificadas com a ocupação do biografado: batina, no caso dos padres, farda e medalhas para os militares. Além disso, barbas e bigodes abundantes e alinhavados são frequentes nos retratos dos “homens comuns”, mas nunca entre os membros do clero. Os cabelos, em geral, aparecem bem penteados. Os homens, normalmente, são retratados com expressões sérias, jamais sorrindo, com aspecto bastante asseado.

É importante ressaltar que, por mais os discursos de masculinidades na *Revista do Partenon Literário* se amparem tanto em recursos imagéticos quanto em textos escritos, a aparência desses homens é sempre construída através de retratos. Em circunstância

³¹ Cônego Thomé Luiz de Souza. *Revista do Parthenon Litterario*, Porto Alegre, segunda série, setembro de 1872, p. 5.

alguma, dentre o conjunto de biografias analisadas, a representação da aparência foi feita através de descrições textuais, ou seja, o aspecto físico desses homens não foi alvo de comentários ou descrições em nenhum dos textos.

Neste sentido, é de suma relevância estabelecer comparações com as poucas biografias femininas publicadas. Na biografia de Rita Barém de Mello, a aparência da poetisa quando jovem é comentada de maneira breve, quase discreta, da seguinte forma: “Era uma menina bonita, tinha vivacidade e fazia versos - a mocidade simpatizava com ela.”³² Em outro perfil, de Luciana de Abreu, o seu retrato publicado é alvo de comentários:

Não será simpático o busto da prelecionista - revelará mesmo uma precoce decadência essa natureza de vinte e sete anos, dada ao trabalho e ao estudo, apenas iluminada pela terna afeição de mãe, mas seduz de certo a viveza dos olhos, a testa que se expande em grande pensamento, e sobretudo a modéstia e honestidade que reina no seu todo, na composição de seu vestuário tão desprezioso como carente de enfeites. Vê-se ali apenas a cruz que lhe pende do colo, a cruz que o Partenon lhe impôs como uma recompensa, talvez como um dever.³³

Neste caso, é possível notar uma certa ambiguidade. Se Rita é elogiada por sua “beleza” e “simpatia” quando jovem, a avaliação do biógrafo sobre a figura de Luciana de Abreu parece seguir o sentido contrário, possivelmente demarcando as expectativas em relação a moças e mulheres. A idade de Luciana é enfatizada, bem como seu trabalho como professora - que influenciaria sua aparência, deixando-a “precocemente decadente” ou “pouco simpática”. Tais atributos seriam amenizados por uma certa “ternura”, advinda da maternidade, o que vem a reforçar o papel de mãe e esposa esperado das mulheres daquele círculo social. A simplicidade de suas roupas também é observada, em contraste com sua posição intelectual.

³² D. Rita Barém de Mello. *Revista do Parthenon Litterario*, Porto Alegre, ano dois, fevereiro de 1873, p. 51.

³³ D. Luciana de Abreu. *Revista do Parthenon Litterario*, Porto Alegre, ano três, maio de 1874, p. 740.

Figura 6 — Retrato de Luciana de Abreu, assinado por J. Alves Leite.



Fonte: *Revista do Parthenon Litterario*, Porto Alegre, ano três, maio de 1874, p. 737.

Mais do que uma análise minuciosa dos trechos acima, gostaríamos de destacar a ausência de comentários semelhantes a respeito da aparência dos biografados.³⁴ Se o esmero com a aparência era esperado dos homens, como se pode constatar a partir dos retratos, essa questão não é alvo de comentários opinativos ou descritivos ao longo dos textos escritos. Ademais, lembremos que, mesmo nessas biografias femininas, todas

³⁴ As exceções, neste sentido, ocorrem em relação à presença dos homens em assembleias públicas. Mais do que a aparência ou as vestimentas, o que costuma ser observado nesses casos é a postura desses indivíduos enquanto oradores e oficiais. O seguinte trecho é bastante ilustrativo nesse sentido: “Quando levantava-se para falar, calmo e majestoso, o seu gesto impunha silêncio, a sua palavra irrompendo caudal como as lavas de um vulcão era uma centelha elétrica que fazia vibrar uma por uma todas as fibras da alma!”. Affonso Luiz Marques. *Revista do Parthenon Litterario*, Porto Alegre, segunda série, agosto de 1872, p. 4.

referentes a escritoras, tais apontamentos são construídos de modo conciso, sendo maior a atenção dada à narrativa de vida dessas mulheres e de sua produção literária.

Os elementos das biografias acima analisados, que compõem de maneiras diversas os discursos de masculinidades expressos pelo grupo da Sociedade Partenon Literário, são menos frequentes nos textos do que os aspectos analisados nos capítulos anteriores. Apesar da frequência menor, é possível percebê-los de maneira articulada ao discurso de masculinidade que impõe aos homens o dever pátrio. A estrutura narrativa das biografias, inclusive, contribui para isso: os homens, após cumprirem seu dever público na guerra e no trabalho, retornam ao lar, dedicando sua atenção aos filhos. Os padres, na impossibilidade de constituir família, cumpriam seu papel pátrio a partir da obediência às leis régias, da conduta moral exemplar e da prestação da caridade. Por fim, temos o asseio. Diferentemente dos demais discursos de masculinidades, aquele que diz respeito ao aspecto físico dos homens não se materializa através do texto escrito, mas somente por meio da veiculação de imagens, as quais, compostas de detalhes, instituíam a aparência ideal que os homens deveriam almejar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se constroem, no interior das sociedades, as relações de gênero? De que forma os papéis sociais, na maioria dos casos pautados no binarismo, são construídos? Longe de responder plenamente a qualquer uma dessas indagações, no presente trabalho de pesquisa busquei contribuir, de maneira singela, aos já consideráveis estudos que se dedicaram a desvendar o dinamismo das relações de gênero no Brasil no século XIX, entendendo como as expectativas colocadas sobre mulheres e homens no passado eram construídas.

A pesquisa partiu de um recorte específico, a partir do qual conseguimos vislumbrar os discursos de masculinidades construídos por uma parcela da elite porto-alegrense na década de 1870, reunida em torno da Sociedade do Partenon Literário. Discursos estes alinhados a valores mais amplos da sociedade brasileira à época, como a estima à pátria e à disciplina, além de marcada dicotomia entre homens e mulheres. Dentre o extenso conjunto documental produzido pelo grupo, que consiste em atas de reuniões e periódicos, a seção de biografias foi a escolhida para compor a análise, na medida em que, dado seu sentido de homenagem, é possível apreender quais qualidades eram consideradas adequadas aos homens.

Constituintes das biografias, os retratos eram integrantes de suma importância dos discursos na medida em que ofereciam um componente imagético à estratégia argumentativa, demonstrando, no nível dos detalhes físicos, como os homens deveriam se portar e se vestir, demarcando diferenças entre as profissões e as idades. A contemporaneidade dos biografados também exerce uma função argumentativa singular, ao aproximar aquelas narrativas de vidas ao público leitor.

Nos discursos, assim, é possível traçar algumas influências mais amplas, sobretudo no que diz respeito a um processo de intensificação da formação do Estado, com o advento do monopólio da violência por parte deste. Aos homens, então, era colocada a tarefa de servir à pátria de maneiras diversas. No exercício das profissões, o equilíbrio e a honra eram elementos fundamentais de uma boa conduta masculina. Aos militares, a função cívica é marcada pelo sacrifício de morrer em nome da nação. Apesar da moral

disciplinada e “civilizada” rejeitar a violência escancarada, os guerreiros eram essenciais à nação, sobretudo se lutavam de maneira honrada. Multifacetados, é notável também a influência romântica nesses discursos: dos homens, era esperada a sensibilidade e o letramento, além dos cuidados com a família, fenômeno novo no século XIX.

Os discursos, então, veiculados através de textos escritos e imagéticos, ao narrarem as vidas daqueles homens considerados ilustres e dignos de estamparem as páginas da *Revista do Partenon Literário*, acabavam por, ao mesmo tempo, constituir práticas de como os homens “normais” deveriam se portar em sociedade, estabelecendo seus compromissos com esta. Se as masculinidades são construções históricas e sociais, e, portanto, mutáveis, após a análise das biografias e da historiografia temática é possível perceber que os discursos sobre masculinidades presentes nas biografias colocam novas questões para essas masculinidades, a partir de uma maior estruturação do Estado e da influência do romantismo, ao mesmo tempo em que reforçam alguns elementos passados, como a honra masculina associada à figura do pai provedor da família.

Esperamos que as reflexões aqui tecidas possam inspirar outros estudos a respeito do tema a fim de que possamos compreender melhor as diversas masculinidades que se constituem e se digladiam em nossa sociedade contemporânea, tão marcada pela violência contra as mulheres e contra os homens cujas masculinidades são vistas como subalternas e abjetas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIAU, Paul. A virilidade do padre católico: certa ou problemática?. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). *História da Virilidade: o triunfo da virilidade*. Petrópolis: Vozes, 2013.

BOEIRA, Luciana Fernandes. *Entre a História e a Literatura: a formação do Panteão Rio-Grandense e os primórdios da escrita da história do Rio Grande do Sul no século XIX*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: editora Cultrix, 2006.

BOTTON, Fernando. *O homem da imagem e a imagem do homem: a construção da subjetividade masculina por meio de retratos e periódicos de na virada do século XIX para o XX*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

CARELLI, Sandra. *Texto e contexto: virtude e comportamento sexual adequados às mulheres na visão da imprensa porto-alegrense da segunda metade do século XIX*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: IEL/Corag, 2006.

CEZAR, Temístocles. Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX. *Métis* (UCS), Caxias do Sul, v. 2, n.3, p. 73-94, 2003.

CONNELL, Robert. Políticas da Masculinidade. *Educação e Realidade*, Porto Alegre. Vol. 20 (2), 1995.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013.

DAIBERT JR, Robert. Entre homens e anjos: padres e celibato no período colonial no Brasil. In: Mary Del Priore; Márcia Amantino. (Org.). *História dos Homens no Brasil*. 1ed.São Paulo: UNESP, 2013, v. 1, p. 49-84.

D'INCAO, M. A. ; A mulher e a família burguesa. In: PRIORE, Mary del. (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. 3a.ed.São Paulo: Contexto, 1997, v. 1, p. 223-240.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Sobre discursos e a análise enunciativa. In: *Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo, Edições Loyola, 2005.

GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 4, n.9, outubro de 1998.

LAITANO, José Carlos Rolhano. *História da Academia Rio-Grandense de Letras (1901 - 2016) e Parthenon Litterario (1868 - 1885)*. Porto Alegre: Metamorfose, 2016.

LAZZARI, Alexandre. *Entre a grande e a pequena pátria: literatos, identidade gaúcha e nacionalidade (1860-1910)*. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

MACHADO, Vanderlei. *O espaço público como espaço de atuação masculina: a construção de um modelo burguês de masculinidade em Desterro (1850 - 1884)*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

MENEZES, Paulo Roberto de Jesus. *Sociedade Imagem e Biografia na Litografia de Sebastião Sisson*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

MOREIRA, Alice T. C.; MOREIRA, Maria Eunice; PÓVOAS, Mauro Nicolas (organizadores). *Partenon Literário*. Porto Alegre: Edipucrs, 2018. Recurso online (3173 p.). Modo de acesso: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/> Acesso em 04 de dez. de 2019.

MONTEIRO, Rosana Horio. *Brasil, 1833: A descoberta da fotografia revisitada*. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história: A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: Editora de UFSC, 1994.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

PERROT, Michelle (org.). *História da vida privada, 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PRIORE, Mary del. Pais de ontem: transformações da paternidade no século XIX. In: PRIORE, Mary del; AMANTINO, Marcia (orgs.). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.71-99, jul. 1995.

SILVEIRA, Cássia Daiane Macedo da. *Dois pra lá, dois pra cá: o Parthenon Litterario e as trocas entre literatura e política na Porto Alegre do século XIX*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SILVEIRA, Cássia Daiane Macedo da. "Mulheres e vida pública em Porto Alegre no século XIX". *Estudos Feministas*, v. 24, n. 1, p. 239-260, janeiro-abril, 2016.

ZICA, Matheus da Cruz e. *Masculinidades Possíveis: representações de gênero em disputa no século XIX brasileiro*. 1. ed. João Pessoa: Ed. UFPB, 2015. v. 1. 330p .

ZILBERMAN, Regina. "O Partenon Literário: Literatura e Discurso Político". *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 20-38, 1980.

ANEXO 1 – QUADRO DE BIOGRAFADOS

Nome	Período em que viveu	Local de nascimento	Ocupação	Palavras-chave	Nº de páginas
Affonso Luiz Marques	Sem informação	Sem informação	Político e membro da Sociedade	Postura e oratória	3
Amália Figueiroa	1845-1878	Porto Alegre	Poetisa	Infortúnio, sacrifício, talento	9
André Alves Leite de Oliveira Bello	Sem informação	Sem informação	Militar	Herói, pátria (serviços prestados)	4
Antonio Ferreira Neves	? - 1873	Sem informação	Juiz, literato membro da Sociedade	Talento	3
(General) Antonio de Souza Neto	Sem informação (participou na Guerra do Paraguai)	Sem informação	Militar	Herói, abnegação	4
Barão de São Borja	1816 - 1879	Pernambuco	Militar	Pátira	6
Barão de São Gabriel	Sem informação (participou na Guerra do Paraguai)	Sem informação	Militar	Abnegação, Pátria, bravura	2
Barão do Triumpho	1807-1869	Rio Pardo	Militar	Bravura, honra, guerreiro	6
Bento Manoel Ribeiro	Sem informação	São Paulo	Militar	Honra	17

Caldre e Fião	1821 - ?	Porto Alegre	Médico, político, escritor	Pátria (serviços prestados), modéstia, dedicado, trabalho	7
Casimiro de Abreu	1837-	Rio de Janeiro	Escritor	Talento, sacrifício	4
Conde de Porto Alegre	1815 - ?	Rio Grande	Militar	Bravura, integridade	7
Delfina Benigna da Cunha	1791-1857	São José do Norte (RS)	Poetisa	“Brilhante estro”/talento , infortúnio	4
David Canabarro	1793-1867	Sem informação	Militar	Honra, trabalho, pátria (serviços prestados), modéstia	6
(Padre) Feliciano José Rodrigues Prastes	1781-1858	Freguezia de Nossa Senhora dos Anjos da Aldeia (RS)	Padre	Caridade, bondade, trabalho, sacrifício	7
Felipe Neri	Sem informação	Sem informação	Político	Integridade	2
Félix da Cunha	? - 1825	Sem informação	Escritor	Pátria e sacrifício	2
(Marechal) Gaspar Francisco Menna	1790 - ?	Rio Pardo	Militar	Herói, modéstia, pátria	5
Joaquim Marques Lisboa	Sem informação	São José do Norte (RS)	Militar	Bravura “Ação humanitária”	4

(Dr.) João Jacinto de Mendonça	1817-1869	Pelotas	Médico e estadista (político)	“Lealdade aos princípios”/integridade, pátria	3
(Padre) João de Santa Bárbara	1786-1868	Laguna	Padre e catedrático	Modéstia, estudo, pátria	3
João Vespúcio de Abreu e Silva	? - 1861	Sem informação	Funcionário público	Dedicação/trabalho, sacrifício	6
José de Alencar	Sem informação	Ceará	Escritor	-	13
(Padre) José de Anchieta	Sem informação	Sem informação	Padre	Pátria	7
(General) José Fernandes dos Santos Pereira	1793 - 1875	Portugal	Militar	Sacrifício, “marido exemplar, pai extremoso”, circunspeção, pátria (serviços prestados)	39
José Martins de Lima	? - 1878	Porto Alegre	Comerciante	Caridade, generosidade, trabalho, “honradez, actividade e perspicácia”	5
(Dr.) Laurindo José da Silva Rabello	1828 - ?	Rio de Janeiro	Médico militar e professor	Postura/oratória, trabalho	4

Luciana de Abreu	1847 - ?	Porto Alegre	Professora e romancista	Agradável, estudo, amor ao trabalho, “menina”, bons costumes, moralidade pública	5
Luiz Alves Leite de Oliveira Bello	1817- ?	Porto Alegre	Desembargador e político	Integridade, pátria, trabalho	4
Luiz de Freitas e Castro	1815-1871	Porto Alegre	Político	Integridade, pátria	3
(Padre) Luiz M. Gonçalves de Brito	1830 - 1864	Porto Alegre	Padre	Bondade	5
Manoel de Araujo Porto Alegre	1806-?	Rio Pardo	Literato, político, diplomata	Pátria	7
Manoel José da Silva Bastos	1825-1861	Rio Grande	Comerciantes, depois escritor	Útil à pátria (como escritor)	8
Miguel Pereira de Oliveira Meirelles	1830-1872	Pelotas	Militar, político e literato	Sacrifício, pátria, integridade, equilíbrio, “bom e extremo marido, carinhoso e terno pai”	12

Rita Barém de Mello	1840-1868	Porto Alegre	Poetisa	Bonita, sensível, estudiosa, infortúnio	11
(Cônego) Thomé Luiz de Souza	1770-1858	Colônia de Sacramento	Padre	Caridade, herói, celibato	8
(Dr.) Timotheo Pereira da Rosa	1834 - ?	São Borja	Juiz, advogado	Modéstia	4
Visconde do Rio Grande	1800-1879	Porto Alegre	Diplomata, político	Pátria (serviços prestados), trabalho, equilíbrio, progresso/modernidade	15